

A ENTREVISTA COMO INSTRUMENTO PARA INVESTIGAÇÃO EM PESQUISAS QUALITATIVAS NO CAMPO DA LINGUÍSTICA APLICADA

Fernanda Valim Côrtes Miguel

Odisséia

INTRODUÇÃO

“The best stories are those which stir people’s minds, hearts, and souls and by so doing give them new insights into themselves, their problems and their human condition.

The challenge is to develop a human science that can more fully serve this aim. The question then, is not ‘Is story telling science?’ but Can science learn to tell good stories?”

(Peter Reason, 1987:50).

É na tentativa de justificar a escolha da entrevista como instrumento estrutural de uma investigação acadêmica particular, que deu origem a minha pesquisa de mestrado (MIGUEL, 2009), que inicio algumas breves considerações sobre o tema. Em primeiro lugar, é conveniente esclarecer que tal escolha não foi meramente casual, mas, ao contrário, partiu de algumas reflexões sobre o conceito de ciência, método e pesquisa científica nas diversas áreas do conhecimento, especificamente no campo da Linguística Aplicada. Observei, inicialmente, que fazer ciência na área de Ciências Humanas tratava-se de um desafio curioso, dada a complexidade e subjetividade do seu principal objeto de estudo. Além disso, observei que a perspectiva verificacionista – pautada em determinados princípios, regras e métodos definidos pela comunidade científica, tida como a mais valorizada instância de produção de conhecimento legítimo – poderia agora ser substituída por uma perspectiva interpretativa – ou interpretativista, nas palavras de Moita Lopes (1994) –, na qual se busca a compreensão, valoriza-se a interpretação e se reconhece a centralidade da linguagem nos processos de objetivação (SÁ, 2001).

Re-significando nossa visão sobre a ciência, a pesquisa passa a ser entendida como uma prática social reflexiva e crítica. Como propõe a autora,

Já não se busca a neutralidade do pesquisador, antes, transforma-se a subjetividade em um recurso a mais. O rigor passa a ser explicitação da posição do pesquisador (...) A perspectiva interpretativa é fruto da crítica recente à naturalização dos fenômenos sociais, e destaca o entendimento de que conceitos e teorias são fenômenos culturais, socialmente construídos e

legitimados. Entende-se o conhecimento não como algo a ser possuído, mas como algo que se constrói coletivamente (SÁ, 2001, p. 40).

A investigação proposta por mim teve natureza essencialmente qualitativa e interpretativa, já que o objetivo por ela visado não foi o de delinear amostras representativas, mas o de explicitar os critérios de escolha dos participantes envolvidos e o de entender os significados construídos por eles a partir da leitura do contexto sociocultural de suas atividades cotidianas. Esse modo de fazer ciência parece mais adequado para “dar conta do fato de que a linguagem é, ao mesmo tempo, condição para a construção do mundo social e caminho para compreendê-lo” (Moita Lopes, 1994:334).

Como propõe Oliveira (1998), o bom método seria aquele que permitisse reconhecer o maior número de coisas com o menor número de regras. No entanto, é importante lembrarmos que as Ciências Humanas tenderiam a apresentar resultados mais complexos e satisfatórios ao trabalharem interdisciplinarmente, abrangendo os múltiplos aspectos dos fenômenos estudados (CHAUI, 1994, p. 277). As ciências do homem comportariam vários ramos específicos, de acordo com seus objetivos e métodos, os quais não devem inibir a aproximação entre as áreas.

Ao propor seu objeto de estudo, como foi o caso do objetivo geral de minha investigação – um estudo da produção e da recepção do gênero crítica cinematográfica – o linguista aplicado não deve se esquecer de que ele, como pesquisador, busca “elementos teórico metodológicos que permitam melhor descrever os modos de inserção e funcionamento dos materiais escritos no campo sociocultural e político” (SIGNORINI, 2001, p. 10). Para isso, seria necessário “compreender não apenas as condições de produção e os modos de circulação” desses materiais escritos, mas também “as práticas socioculturais nas quais estão embutidos e que os constituem como materiais significativos”, como sugere a autora. Optei pelo uso da entrevista – na constituição dos arquivos e do *corpus* de análise de minha pesquisa – como instrumento dinâmico, flexível e criativo, capaz de fornecer maior contribuição diante dos objetivos gerais e específicos a serem alcançados. Realizada esta breve introdução, que contextualiza o percurso teórico e a escolha metodológica da investigação realizada, passo agora a uma reflexão mais aprofundada sobre os fundamentos e as práticas da entrevista.

1. MOTIVOS E FINALIDADES DA ENTREVISTA

A entrevista, nas suas diversas aplicações, é uma técnica de interação social, interpenetração informativa, capaz de quebrar isolamentos grupais, individuais e sociais, podendo também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação. Em seus mais diversos usos das Ciências Humanas, constitui-se sempre um meio cujo fim é o inter-relacionamento humano. Muitos autores que tematizaram esse assunto atentaram para o fato de a entrevista ser uma situação psicossocial complexa. Garrett (1981) amplia o âmbito dessa prática humana ao afirmar que todas as

pessoas, de uma maneira ou de outra, são envolvidas na entrevista, seja entrevistando, seja ainda sendo entrevistadas. Em ambas as situações, residiriam aspectos objetivos e subjetivos. Um ponto básico de sua teorização é projetar a técnica para a arte da entrevista, identificando no ato de entrevistar, acima de tudo, a arte de ouvir, perguntar e conversar.

Entrevistamos porque temos interesse nas histórias de outras pessoas. Este seria, segundo Seidman (1991), o principal motivo de se realizar uma entrevista. Temos interesse pelo outro, por suas histórias, reflexões, ordenamentos dos fatos e acontecimentos. O propósito da entrevista detalhada não seria, portanto, o de fornecer respostas a perguntas específicas, nem mesmo o de testar hipóteses ou avaliar algo específico, mas buscar tentativas de compreender a experiência de outras pessoas e os significados que elas atribuem para essas experiências. Na maioria dos casos, como nos alerta o autor, seria possível alcançar os resultados da nossa observação sobre o outro, embora dificilmente nos seja possível ter acesso à compreensão subjetiva desse indivíduo. Precisariamos, então, reconhecer os limites dessa compreensão.

Para Schutz (*apud* SEIDMAN, 1991, p. 12-15), o caminho mais próximo dessa compreensão subjetiva seria nossa capacidade – como pesquisadores – de colocar o comportamento dentro do contexto¹. Dessa forma, a entrevista possibilitaria acesso ao contexto do comportamento das pessoas e promoveria um caminho para o pesquisador compreender os significados desse comportamento. A hipótese básica da pesquisa a partir da entrevista é a de que os significados que as pessoas atribuem a suas experiências afetariam o modo como elas as executam.

A entrevista, segundo Lüdke e André, “permite correções, esclarecimentos e adaptações que a torna sobremaneira eficaz na obtenção das informações desejadas” (1994, p. 34). Nesse sentido, gostaria de assumir, como defende Mondada, que a entrevista deve ser entendida como “um acontecimento comunicativo no qual os interlocutores, incluído o pesquisador, constroem coletivamente uma versão do mundo” (MONDADA, 1997, p. 59). Dessa forma, afastamo-nos de uma concepção representacionista do discurso, que concebe a entrevista como um veículo neutro e transparente de informações, pois ainda segundo Mondada (1997, p. 60),

A entrevista não é simplesmente um instrumento neutro de pesquisa ou um método, entre outros, de coleta de dados, uma caixa preta cujo funcionamento seria óbvio e fora de questão. Pelo contrário, sua eficácia é profundamente ligada à concepção de linguagem e de discurso pressuposta

¹ Uma questão pertinente, nesse sentido, seria buscar compreender o modo como Schutz mobiliza a palavra “contexto” em seu trabalho, já que ele não especifica o uso particular que faz do termo. Parto, particularmente, de uma concepção estrutural de contexto que pode ser explicitada detalhadamente em minha dissertação (MIGUEL, 2009).

não só durante a análise mas também no desenvolvimento mesmo do intercâmbio com o informante.

A autora baseia-se numa concepção do discurso que vê a entrevista como uma forma de interação dinâmica em que os participantes constroem, num trabalho de constante negociação, os objetos do discurso. No nosso caso específico, as entrevistas já realizadas se tornaram peças fundamentais na reflexão sobre os vários elementos presentes no processo de produção e recepção de nosso objeto cultural sob estudo (a crítica cinematográfica).

Assim como os demais autores, Medina também reafirma ser a entrevista um jogo de interação no qual os envolvidos se interligam numa única vivência: “A experiência de vida, o conceito, a dúvida ou o juízo de valor do entrevistado transforma-se numa pequena ou grande história que decola do indivíduo que a narra para se consubstanciar em muitas interpretações” (Medina, 1995:6). Para ela, o entrevistador deve estar interessado no modo de ser e no modo de dizer de seu informante e a competência do fazer deve estar comprometida e associada ao significado humano, ao diálogo interativo.

2. A ENTREVISTA NO CONTEXTO DA ABORDAGEM QUALITATIVA

Como discutimos sucintamente na introdução deste artigo, a aceitação da entrevista como um instrumento científico e efetivo de pesquisa rendeu extensas discussões, polêmicas e debates (dentro e fora da comunidade acadêmica), embora muitas áreas – da Antropologia, por exemplo – já demonstrassem interesse nas histórias das pessoas, como maneira de compreender sua cultura e seus modos de vida. Principalmente na década de setenta, observa Gage (*apud* SEIDMAN,1991), inicia-se uma reação à dominância das pesquisas experimentais, quantitativas e behavioristas na área da educação. A crítica correspondeu a uma reflexão de resistência mais geral à autoridade recebida e acabou por dividir os pesquisadores em dois grandes campos: o quantitativo e o qualitativo.

As diferenças entre os grupos não eram apenas políticas, mas tratavam especificamente de diferentes posições epistemológicas e suposições subjacentes sobre a natureza da realidade, do conhecimento, da possibilidade de generalização e objetividade na pesquisa. Para aqueles interessados na entrevista como um método da pesquisa, adverte Seidman, o principal argumento discutido entre os dois grupos centrava-se sobre o significado da linguagem na investigação com seres humanos. Para Bertaux (1981, *Apud* Seidman, 1991), aqueles que incitam as pesquisas educacionais a imitar as Ciências Naturais parecem ignorar uma diferença básica entre a pesquisa realizada nesta área específica daquela realizada nas Ciências Humanas, pois os assuntos da investigação nas Ciências Sociais podem falar, agir e pensar, tornando a complexidade da investigação algo evidente e necessário de ser evidenciado passo a passo.

O significado da nossa humanidade, como acredito, residiria justamente na habilidade individual e coletiva de simbolizar nossas experiências através da linguagem. Nesse sentido, compreender o comportamento humano significaria compreender o uso que se faz da linguagem em determinados contextos (Heron, 1981 Apud Seidman, 1991). Entrevistar, portanto, é uma modalidade básica de investigação. Descrever as narrativas sobre as nossas experiências tem sido a principal maneira de recordar a história que fazemos delas.

Uma diferença principal entre aproximações qualitativas e quantitativas estaria no fato de que a primeira reconhece, afirma e situa o papel do pesquisador como instrumento humano, que faz parte da pesquisa. No caso específico da entrevista, os entrevistadores trabalham com o material: selecionam-no, interpretam-no, descrevem-no e analisam-no. Nesse sentido, o pesquisador deve reconhecer que o significado elaborado a partir do material coletado na entrevista é uma função da interação entre participante e entrevistador. Tal consciência talvez minimize a distorção que pode ocorrer, eventualmente, devido ao papel desempenhado por ele na entrevista.

Também devemos levar em conta o fato de que, para a pesquisa qualitativa, não existem verdades absolutas; daí, talvez, é que se coloque a necessidade de objetivarmos os passos de nossa investigação. Portanto, o que está em questão é justamente compreender a complexidade do nosso objeto de pesquisa e ser capaz de situá-lo no contexto de suas práticas socioculturais que, por sua vez, configuram determinadas atividades. Devemos ter em mente o fato de a entrevista ser sempre única e exclusiva: podemos tentar repeti-la, mantendo a temática, os entrevistados ou os mesmo objetivos da investigação, mas nunca seremos capazes de reproduzir as mesmas condições do contexto inicial/original. Os participantes reconstruiriam suas experiências diferentemente, de acordo com as novas situações comunicativas de interação. Assim como nos advertiu certa vez Heráclito, tudo está em constante transformação e movimento, por isso a impossibilidade de nos banharmos num mesmo rio duas vezes. Este seria o principal desafio da pesquisa nas Ciências Humanas e da entrevista como instrumento qualitativo.

3. ESTRUTURA, PROCESSO E PRÁTICA

A palavra entrevista cobre uma extensa área de práticas. De um lado, existem as entrevistas firmemente estruturadas, baseadas em roteiros prefixados, padronizados e questões fechadas. Do lado oposto do continuum, existem as entrevistas abertas, aparentemente estruturadas, entrevistas antropológicas que, na maioria das vezes, consistem em algo como uma conversa amigável (SPRADLEY, 1979). O método descrito por Seidman (1991), por exemplo, combina entrevistas sobre histórias de vida e é focado nas hipóteses da fenomenologia sobre o assunto, especialmente nas concepções de Alfred Schutz. Concentrar-me-ei nos comentários sobre a estrutura da entrevista

detalhada e fenomenológica, cuja tarefa principal seria a de construir e explorar as respostas dos participantes a partir da utilização de questões abertas.

O ideal proposto por Dolbeare e Schuman (SCHUMAN *apud* SEIDMAN, 1991) é descrito numa série de três entrevistas realizadas em momentos distintos com o mesmo participante e utilizando um formato de 90 minutos para cada uma. Na primeira, o pesquisador estabeleceria o contexto da experiência dos participantes. Já a segunda permitiria que os participantes reconstruíssem os detalhes de sua experiência dentro do contexto em que ocorreram. E a terceira incentivaria os participantes a refletirem sobre os significados dessas experiências em suas vidas. Infelizmente, não foi possível, em minha pesquisa, acatar o procedimento de realização das três “etapas” de entrevistas para cada participante, uma vez que trabalhei com uma quantidade relativamente grande de entrevistados a partir de um estudo qualitativo, o qual gerou extenso material de transcrição e pesquisa. Além disso, muitos dos entrevistados –principalmente o editor e os críticos de cinema da revista *Bravo!* – residiam em lugares distintos e concederam apenas um encontro para conversarmos. Foi possível, entretanto, estipular a duração da entrevista antes de iniciá-la, preservando a unidade cronológica (começo, meio e fim) a partir de um roteiro preestabelecido que serviu para conduzi-la, sem, no entanto, restringi-la ou fixá-la.

Como propõe Seidman (1991), é importante que o investigador – mesmo tendo razões que justifiquem a busca por procedimentos distintos daqueles descritos por Dolbeare e Schuman – mantenha uma estrutura que permita aos participantes reconstruírem sua experiência dentro do contexto de suas vidas. Lembramo-nos de que qualquer procedimento de pesquisa adotado pelo entrevistador deve servir apenas como referência a seu trabalho.

Como pesquisadores, devemos estar cientes dos processos e das dificuldades que envolvem a entrevista: o investigador deve conceituar seu projeto, estabelecer o acesso e fazer contato com os participantes, entrevistá-los e transcrever os dados, para então trabalhar com o material selecionado. Entrevistar é um trabalho especialmente intensivo por todas essas razões, acrescidas do fato de normalmente tomar muitas horas e, por vezes, implicam sobrecarga financeira com certas despesas. Além disso, como observa Seidman (1991), pelo fato de as pesquisas serem realizadas por pessoas, em determinadas posições de poder, o cuidado deve ser redobrado para que os indivíduos, as palavras e os depoimentos não sejam utilizados de maneira descontextualizada, em benefício do pesquisador.

Wright Mills (1982, p. 240) recomenda que o pesquisador, durante a entrevista, não descuide nem mesmo dos minúsculos detalhes e das coisas momentaneamente vagas, já que futuras associações criativas podem desvendar nexos que passaram despercebidos num primeiro momento. Essa observação pode ser melhor aproveitada em ocasiões nas quais as entrevistas são filmogravadas e audiogravadas, como no caso específico de minha pesquisa. Segundo o autor, é

importante ser criterioso e honesto ao coligir e produzir dados a partir de uma entrevista, já que ela não é feita apenas de bons roteiros, previamente testados e melhorados, mas com atitudes éticas em relação às pessoas entrevistadas.

Algumas técnicas e sugestões práticas são também imprescindíveis quando tratarmos de um instrumento de pesquisa que pode assumir tantas variações estruturais, como é o caso da entrevista. Ter conhecimento sobre essas técnicas capacita o pesquisador a utilizar os recursos disponíveis da melhor maneira possível, prever situações, administrar o tempo e conduzir o diálogo de maneira consciente e focada.

É importante, durante uma entrevista, que o entrevistador inicie suas perguntas de maneira ampla, não directiva e que conduza as falas dos entrevistados, procurando pedir esclarecimentos ao que não foi compreendido e detalhes concretos aos exemplos dados. Ao fazer uma pergunta em aberto – não presumindo determinada resposta – o pesquisador estabelece um território a ser explorado, permitindo que o participante a tome da maneira que desejar. Por outro lado, não deve perder de vista a finalidade e o foco da entrevista, pré-ajustando e redirecionando a conversa quando achar necessário. O trabalho básico do entrevistador é escutar ativamente, auxiliando a construção de significados dos participantes e promovendo o andamento da entrevista.

Quando o entrevistador deseja ouvir mais sobre determinado assunto não deve hesitar em fazer mais perguntas, principalmente quando se sente insatisfeito com as respostas ouvidas. Além disso, ele deve ter habilidade e sensibilidade na maneira de explorar determinadas temáticas, dando prioridade à fala do outro e evitando perguntas das quais já imagina saber a resposta. Neste caso, é preferível que ele diga o que pensa da afirmação. Outra sugestão é que o entrevistador evite interromper os participantes durante suas falas, mesmo quando se sentir fortemente tentado a focar num ponto interessante do diálogo. Isso poderia prejudicar a sequência argumentativa do participante. Uma dica é que o entrevistador anote a palavra-chave para retomar a conversa posteriormente ou numa próxima oportunidade.

Saber explorar o riso, as pausas, o silêncio, os gestos corporais e as linguagens não-verbais, de maneira geral, é uma atitude indispensável que exigiria não apenas técnica e prática, mas sobretudo sensibilidade por parte do entrevistador. Em muitos momentos, o que é verbalizado pode não estar em concordância com os gestos não-verbais. O riso, por exemplo, pode significar diversas coisas, dependendo da postura e do contexto em que ocorrem durante a entrevista: o fato de o participante ter achado graça em alguma fala ou lembrança; um certo tom irônico; ou ainda um certo nervosismo. Outro exemplo frequente é a incapacidade do entrevistador de lidar com o silêncio, tornando-se impaciente e incomodado e projetando, na maioria das vezes, tal incômodo aos participantes. Os momentos de silêncio e pausas durante a entrevista podem

constituir fatos significativos no contexto do discurso e não devem ser substituídos por perguntas rápidas e improvisadas.

É importante que o entrevistador evite confiar apenas nas memórias e recordações de seus informantes. Ao contrário, deve pedir diretamente para que eles reconstruam suas experiências. Como nos alerta Seidman (1991), a reconstrução é baseada parcialmente na memória e parcialmente nos sentidos do participante sobre os eventos passados. De um certo modo, toda a recordação é reconstrução.

Outra ação que deve ser evitada, segundo Seidman (1991), durante a entrevista é o ato de reforçar as falas dos participantes, tanto positivamente quanto negativamente. Um exercício de formação útil, nesse sentido, segundo o autor, é transcrever textualmente 5 minutos de uma entrevista realizada. O que se torna, em grande parte do tempo, perceptível é que o entrevistador tem o hábito de dizer o “uh huh” ou “aprovado” ou “sim” ou fornecer alguma outra resposta afirmativa curta a quase toda indicação do participante, muitas vezes sem estar ciente de estar fazendo isso. O entrevistador que reforça as falas de seu ouvinte frequentemente corre o risco de distorcer as respostas dos participantes.

4. PARA ALÉM DA TÉCNICA: O DIÁLOGO POSSÍVEL

Como foi proposto até agora, o domínio da técnica durante uma entrevista é fundamental. Muitas pessoas preferem acreditar que entrevistar é uma arte, uma reflexão da personalidade do entrevistador e que, portanto, não poderia ser ensinada. Esta linha de pensamento implica o fato de que ou você é bom nela ou você não é. Minha tentativa foi a de esclarecer que essa visão é parcialmente verdadeira e que os investigadores podem e devem aprender técnicas e habilidades da entrevista. No entanto, importaria, mais do que fórmulas, a existência de um repertório rico de formas. Na intimidade do processo de pesquisa ilumina-se o caminho a ser seguido.

Oliveira (1998, p. 21) trata da superação do entendimento meramente instrumental da metodologia (como se ela apenas representasse um conjunto de técnicas das quais o pesquisador pudesse dispor) independentemente de suas concepções acerca do mundo e das relações entre sujeito e objeto de pesquisa. Reafirma a importância de uma reflexão capaz de dar conta dos procedimentos pelos quais se constrói uma pesquisa em Ciências Humanas.

É essencial que retomemos aqui a questão da sensibilidade ao longo do trabalho de pesquisa. Saber ouvir é a habilidade mais importante a ser desenvolvida pelo pesquisador durante a entrevista, já que manter o silêncio e escutar ativamente seus informantes é uma das tarefas mais difíceis para a maioria dos entrevistadores. Esse trabalho deveria ser elaborado em pelo menos dois níveis: primeiramente, devem ouvir atentamente o que o participante está dizendo, concentrando-se na substância para certificar-se de que a compreenderam e se manterem conscientes do tempo e

processo da entrevista. Em um segundo nível, os entrevistadores devem aguardar até escutar o que George Steiner (1978, *apud* SEIDMAN, 1991) chama de “voz interna”. Devem ser sensíveis ao nível de energia do participante e a todas as sugestões verbais e não verbais que eles possam vir a oferecer. Os entrevistadores devem escutar atentamente para avaliar o progresso da entrevista e para permanecer alerta em relação a como modificar o percurso, caso necessário.

Essa “voz interna”, sugerida por Steiner, remete-nos a confiar e seguir nossos palpites e intuições durante o percurso da pesquisa. Muitas vezes, é necessário correr riscos e não hesitar em elaborar perguntas, mesmo quando elas surgem apenas como uma impressão vaga, até se tornarem dúvidas reais. Se o entrevistador decidir utilizar um guia de entrevista, deve evitar manipular seus participantes na obtenção de respostas, formulando questões de uma maneira aberta e direta e tentar evitar impor seus próprios interesses na experiência dos participantes.

Para Medina (1995), a maior ou menor comunicação durante uma entrevista estaria diretamente relacionada à humanização do contato interativo: quando ambos – entrevistador e entrevistado – saem modificados do encontro, então a técnica provavelmente foi superada. Em suas palavras: “alguma coisa aconteceu que os perturbou, fez-se luz em certo conceito ou comportamento, elucidou-se determinada auto-compreensão ou compreensão do mundo. Ou seja, realizou-se o Diálogo Possível” (MEDINA, 1995, p. 7).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assumimos, portanto, que a suficiência de um método de pesquisa depende de sua finalidade e das perguntas e dos questionamentos que estão sendo investigados (LOCKE, 1989). Bons pesquisadores, de acordo com Wright Mills (1982), não se limitam à observância de regras, mesmo porque, na maioria das vezes, experimentam situações que os manuais não poderiam antecipar. Para isso, seria necessário ao pesquisador aprimorar sua percepção, refinar sua sensibilidade, ampliar horizontes de compreensão e comover-se diante das práticas investigadas/vivenciadas. Além disso, para o autor, o ato da pesquisa não se restringe a absorver técnicas e colocá-las em prática, pois o cultivo da capacidade imaginativa separa o técnico do pesquisador. Assim, somente a engenhosidade saberá promover a associação das coisas, as quais nem sempre poderíamos intentar, num dado cenário social. Por essa razão é que a pesquisa é considerada um fazer além da técnica.

Somente o pesquisador será capaz de identificar a metodologia mais significativa para um estudo particular e a dinâmica mais profícua, que resguarde a integridade da maneira de ser dos sujeitos pesquisados. E essas escolhas dependerão, inevitavelmente, das especificidades e dos objetivos da investigação proposta. Para obter depoimentos na forma de entrevista – instrumento por mim selecionado e discutido – como se deveria proceder? Bastaria chegar diante dos sujeitos a serem entrevistados e iniciar, o quanto antes, a entrevista para não tomar tempo nem do

entrevistado ou tampouco do pesquisador? Tendo em vista tudo o que foi discutido até aqui, a resposta seria: depende. O pesquisador deve ser capaz de se situar dentro do contexto estudado, não recortar a fala dos entrevistados por critérios arbitrários e exteriores e, sobretudo, não corrigir os depoimentos coletados.

Dessa forma, escolher a entrevista como instrumento de pesquisa é uma maneira interessante de privilegiar a introspecção e a compreensão das experiências dos indivíduos. Como um método de pesquisa, a entrevista evidencia a habilidade das pessoas de atribuírem significado por meio da linguagem. Não existem fórmulas e receitas prontas e acabadas para a realização efetiva de uma boa entrevista. Da mesma maneira, também não existem receitas para perguntas mais ou menos eficazes, justamente porque isso dependerá não apenas do interesse e da escuta concentrada do pesquisador, mas principalmente dos objetivos e das finalidades específicas de sua pesquisa. Determinar o que seria uma questão eficiente ou uma boa entrevista é, portanto, um processo complexo que parte da contextualização dos acontecimentos, da vida dos participantes e do próprio pesquisador, passando pela técnica, pela prática, pela sensibilidade e pelo diálogo. É necessário o resgate de um olhar genuíno para o outro, e o cultivo pelo interesse nas histórias das outras pessoas, importando menos os procedimentos seguidos durante este processo.

REFERÊNCIAS

- CHAUÍ, M. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1994.
- GARRET, A. *A entrevista, seus princípios e métodos*. Rio de Janeiro: Agir, 1981.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1994.
- MEDINA, C. de A. *Entrevista: o diálogo possível*. 3 ed. São Paulo: Editora Ática, 1995.
- MIGUEL, F. V. C. *Mídia jornalística e prática situada de crítica cinematográfica*. Dissertação de mestrado. Departamento de Linguística Aplicada, Universidade Estadual de Campinas, 2009.
- MIGUEL, F. V. C. Crítica cinematográfica: do gênero às práticas situadas. *Revista Leia Escola*. (no prelo).
- MOITA LOPEZ, L. P da. Pesquisa interpretativista em Lingüística Aplicada: a linguagem como condição e solução. *Revista Delta*, v. 1, n. 2, 1994.
- MONDADA, L. A entrevista como acontecimento interacional: abordagem lingüística e interacional. *RUA*, n. 3, 1997.
- OLIVEIRA, P. de S. Caminhos de construção da pesquisa em Ciências Humanas. In: OLIVEIRA, P. de S. (org.). *Metodologia das Ciências Humanas*. São Paulo: Editora Unesp, 1998.
- REASON, P.; ROWAN, J. *Human inquiry: a sourcebook of new paradigm research*. Great Britain: John Wiley, 1987.

SEIDMAN, I. E. *Interviewing as qualitative research. A Guide for Researchers in Education and the Social Sciences*. Columbia: Teachers College Press, 1991.

SÁ, N. L. de. Fazendo ciência nas Ciências Humanas: um olhar sobre a pesquisa verificacionista e a pesquisa interpretativa. *Revista Amazônida*, n. 2, 2001.

SIGNORINI, I. Apresentação. In: SIGNORINI, I. (org.). *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento*. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

WRIGHT MILLS, C. *A imaginação sociológica*. Trad. de W. Dutra. 6 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

Fernanda Valim Côrtes Miguel é mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas e leciona na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. É coordenadora do projeto “Práticas de leitura e escrita e ensino de Língua Materna”, do Instituto de Humanidades da UFVJM. Tem publicações sobre letramento e gêneros. fernanda.v.c.mig@hotmail.com